

Rafael Lamas

É auditor de controle externo do Tribunal de Contas do Estado e presidente da Ascontrol

/// Poucas são as pessoas com capacidade de exercer as carreiras do serviço público de forma a atender seu cliente alvo com qualidade

Vocação para servir

Quando falamos em serviço público vêm-nos à cabeça vários valores e conceitos relacionados a esse ramo profissional, como concurso, estabilidade e carreira, por exemplo. Mas, antes de sermos atraídos para essa seara, precisamos verificar se temos vocação em servir o público. Vocação deriva da palavra latina *vocatio* que, por definição, é a inclinação que alguém tem por fazer bem alguma coisa; já o verbo servir, no transitivo, tem o mesmo significado de cumprir deveres ou funções, auxiliar, exercer e satisfazer.

Logo, antes de ingressar em carreira pública, o interessado não deve levar em conta apenas a segurança da estabilidade, a possibilidade de ascensão profissional e o plano de carreira oferecido; muito mais que isso, precisa examinar-se para saber se está realmente inclinado a cumprir deveres e funções que tenham como finalidade auxiliar e satisfazer as necessidades da população.

Há uma gama de carreiras nas mais diversas áreas do serviço público, mas poucas são as pessoas com capacidade de exercê-las de forma a atender seu cliente alvo com qualidade. O policial não deveria ingressar em carreira de

polícia só por desejo pessoal em simplesmente ser policial, mas sim em atender bem a população prestando-lhe serviços de qualidade no ramo profissional que escolheu.

Da mesma forma, um bacharel em Direito não deveria ingressar numa carreira jurídica pública simplesmente por ser promissora ou pelo status profissional que lhe vai conferir; e sim com um objetivo nobre, que é o de promover a justiça para os cidadãos que pagam seus impostos, recursos de que será extraída sua remuneração.

Se não tivermos vocação em servir, nos tornaremos servidores voláteis, sem objetivo, sem conteúdo, com reconhecimento pessoal alcançado, mas sem reconhecimento moral e ético da população que nos remunera.

O ingresso em uma carreira pública pode parecer difícil, embora muitos o consigam; poucos, porém, conseguem trabalhar nela cumprindo o dever segundo os princípios básicos da legalidade, da moralidade e da impessoalidade.

Carreiras públicas são essenciais para o funcionamento do Estado. Servidores que nelas se engajaram devem vestir a camisa para configurar a boa essência do Estado, que se forma pela comunhão do povo. Se os governos passam, o Estado permanece; e, junto com ele, seus servidores que, ingressados em seus quadros profissionais, têm a obrigação de defender os interesses do povo.

João Baptista Herkenhoff

É magistrado aposentado, professor e escritor

E-mail: jberkenhoff@uol.com.br

/// O bispo não cultuou o poder, pelo contrário, opôs-se a ele. Não foi rico, pelo contrário, amou a modéstia e foi assídua presença na casa dos pobres

Prêmio Dom Luís 2014

Há vários anos os companheiros que integram a Comissão do Prêmio Dom Luís delegam-me a tarefa de ser o orador na solenidade de entrega da láurea. Como o aniversário de d. Luís ocorre no dia 24 de agosto, o prêmio é sempre conferido em dia próximo do natalício. Neste ano ocorrerá amanhã. Pela primeira vez, desde a criação da homenagem, estarei ausente no dia festivo, em decorrência de viagem.

Deixo, entretanto, este artigo, na véspera da outorga, de modo a assinalar minha presença espiritual na efeméride. Além de ser uma justa homenagem a d. Luís Gonzaga Fernandes, o prêmio tem uma finalidade pedagógica, qual seja a de exaltar o verdadeiro mérito, numa época em que se celebram ídolos de barro. Os ídolos de barro hoje não são como aqueles descritos na Bíblia. São muito mais sofisticados. São coloridos, sorridentes, simpáticos, sempre vitoriosos, ricos, possuidores de todos os atributos que podem enganar.

Os pais têm de estar atentos na educação dos filhos para que estes, ainda inexperientes, não se deixem seduzir pela quimera. A vida do inesquecível bispo Luís é o oposto do perfil dos ídolos de barro. Não cultuou o poder, pelo contrário, opôs-se a ele. Não foi rico, pelo

contrário, amou a modéstia e foi assídua presença na casa dos pobres. Ao lado de d. João Baptista da Motta e Albuquerque, arcebispo de Vitória, o bispo auxiliar d. Luís Fernandes foi o grande arquiteto das Comunidades Eclesiais de Base.

Com olhos postos na realidade capixaba, testemunha participante do sofrimento dos pobres, d. Luís, como um dos principais construtores da Teologia da Libertação no Brasil, ensinou que Deus não quer a tristeza, mas a alegria, Deus não quer a fome, mas o pão, Deus não quer o homem escravo, mas o homem livre.

Dom Luís foi um homem profundamente modesto, que sempre desprezou honrarias. Se o Prêmio Dom Luís tivesse, como principal finalidade, a exaltação do seu nome, não faria jus a sua história. Mas, como foi dito, o prêmio é pedagógico. Diz aos jovens que nascemos para servir ao próximo, e não para nos servirmos do próximo.

Convida todos os cristãos para um pacto de amor e de justiça, acima das denominações que sejam atribuídas aos diferentes credos. Ensina que Cristianismo não é culto, mas ato. Ser cristão não é proclamar hosanas com olhos fechados, mas com olhos abertos, inspirando ações que tragam os marginalizados para o centro. Muito mais que apenas a celebrar a memória de d. Luís, o prêmio deve exaltar vidas modelares, ações e obras que merecem seguimento. Se assim for, d. Luís, onde estiver, abrirá aquele sorriso espontâneo do qual nunca se esquecerão os que o conheceram pessoalmente.